



O GRUPO MENINOS DE DEUS: discutindo territórios, pobreza e experiências

THE BOYS OF GOD GROUP: discussing territories, poverty and experiences

Maria Messianne De Sousa Vieira

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

O artigo em questão aborda o recorte de uma pesquisa junto a jovens moradores da periferia na cidade de Fortaleza, no ano de 2017, e busca desenvolver um olhar interseccional. Abordará como os (as) jovens que vivem no bairro Jangurussu da referida cidade se reconhecem e significam sua condição juvenil inseridos nas margens urbanas pensando a intersecção classe, gênero e raça. O recorte empírico toma por base o desenvolver de entrevistas aliadas a diários de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Violência urbana. Território/margens urbanas.

ABSTRACT

The article in question deals with a survey of young people living in the outskirts of the city of Fortaleza, in the year 2017, and seeks to develop an intersectional look. It will address how the young people living in the Jangurussu neighborhood of that city recognize and signify their youthful condition inserted in the urban margins thinking the intersection of class, gender and race. The empirical cut is based on the development of interviews allied to field journals.

KEYWORDS: Youth. Urban violence. Territory/urban margins.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante ressaltar que a juventude é constituída por sujeitos que constroem ações coletivas de inserção na sociedade, sejam consideradas legais ou ilegais. Constroem identidades e expressões articuladas nas suas experiências situadas nas margens urbanas da cidade. Esses jovens arquitetam significados e percursos que lhes são próprios. Sujeitos que fazem escolhas, que são consumidores de desejos, projetos, relações, afetos, que em muitas situações são caracterizadas por um leque menor de oportunidades e possibilidades que também compõem sua condição juvenil. O artigo em questão será desenvolvido partindo desta e respeitando esta concepção da juventude a partir das categorias abordadas.



A partir das categorias *juventudes*, *violência urbana e território/margens urbanas*, destacamos a orientação de nossas análises somadas a profundas inquietações sobre a temática que perpassaram desde a entrada no campo até a construção de reflexões iniciais como o presente texto.

Desta forma, (re) trabalharemos a primeira categoria sob a compreensão da pluralidade que a envolve Abramo (1994); imbricada de multifacetados lugares de fala e modos de apropriação, por assim dizer diversa na sua essência.

Já o conceito de violência urbana será abordado a partir da perspectiva de Machado da Silva (2010; 2011), como um conjunto de práticas sociais que adquirem sentido para os atores em suas experiências vividas na cidade, cujo núcleo de sentido consensual é o uso da força física no crime.

Outra categoria, igualmente importante, é o território/margens urbanas. Para entender os mecanismos presentes nessa simbolizados como lócus do “crime” e do “criminoso”, interpelamos Zaluar (2000) e Coelho (2005). Entender os dispositivos e as estruturas por trás desses dispositivos requer outras contribuições encontradas em Foucault (2002; 2013) e Goffman (2015).

O conteúdo que se segue busca desenvolver reflexões iniciais sobre juventudes nas margens urbanas. Um olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2000) sobre esses jovens nos deu base para (re) pensar esse estudo sobre características desveladas na realidade social em que o contraditório, o conflituoso, o heterogêneo e o dinâmico marcam os resultados dessa investigação.

2 DISCUTINDO VIOLÊNCIA URBANA E JUVENTUDES NAS MARGENS

Neste ponto abordamos reflexões e diálogos conceituais sobre juventude, violência e território construindo algumas trilhas interpretativas para o recorte proposto no referido artigo. Quando falamos de juventudes (PAIS, 1990) nos anos 2000 temos uma complexa rede de contextos e conceitos, mas o debate travado entre determinadas juventudes e a violência urbana tem ganhado relevância política, social, econômica e cultural nas últimas décadas.

As juventudes e a violência parecem constituir temas relativos e complementares, mas se torna necessário um cuidado teórico para não vincular diretamente estas duas categorias. A construção da identidade juvenil perpassa principalmente por processos de estigmatização e

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



do estereótipo que lhes é posto, ou seja, como a visão que a sociedade possui influencia a construção da identidade embasada na criminalidade e na violência, tendo em vista que os jovens são vistos como os principais protagonistas desse contexto. Mas não são todos (as) jovens que são vistos dessa forma, é preciso realizarmos um aqui os recortes de classe, raça, gênero, território, dentre outros.

Conforme o Mapa da Violência (2014) a região Nordeste é a região com maior distância entre a taxa de homicídios de jovens negros e brancos. Em 2012, foram assassinados 87 jovens negros para cada grupo de 100 mil jovens negros na região, ante 17,4 jovens brancos para cada grupo de 100 mil jovens brancos. Resumindo, o risco de um jovem negro nordestino ser assassinado era quase quatro vezes maior que um jovem branco nordestino.

Fortaleza ainda é recordista na evolução do número de jovens mortos. Entre 2003 e 2013, nenhuma outra capital cresceu mais que os 755,8% de Fortaleza. A capital do Ceará possui o maior índice de homicídios de violência contra jovens. Em 2013, foram 267,7 homicídios para 100 mil pessoas na faixa etária. Em 2003, essa taxa era de 23,5, o que significou um aumento de mais de 1.000% em uma década.

Nesse contexto é fundamental pensar e articular a discussão racial as juventudes, como também pobreza e violência, sobretudo, ao conceito de interseccionalidades, tendo em vista que a questão racial é estruturante nas relações sociais e, está articulada a classe social, gênero e território.

Os jovens, como assinala Abramo (1994), muitas vezes, percebidos no senso comum como produtores de grandes crises sociais da modernidade, são, geralmente, reconhecidos como corpos ameaçadores de normas e etiquetas sociais. Em circunstâncias de pobreza e desigualdades sociais, as associações entre juventudes e periculosidade têm sido comuns e intensificadas. Destarte, o *jovem da periferia* é percebido como problema social, ou seja, aquele que precisa ser moldado, corrigido, “como objeto de falha, disfunção ou anomia no processo de integração social” (ABRAMO, 1994, p.29).

Essa lógica traça fortemente a relação entre “juventude” e o “problema da violência” no mundo moderno é um recorte frequente. A juventude na contemporaneidade tem vivenciado as mais diversas expressões da violência, tendo em vista a produção e a acumulação da sociedade capitalista e os modos de vida que são (re) produzidos, evidenciados através do consumismo e do individualismo.

Nessa apreensão do modelo de sociedade imposto pelo capital, em que há a supervalorização da posse de bens de consumo, em detrimento à formação integral do indivíduo, esses sujeitos são amplamente jogados pela visão de que são eles “insaciáveis” em

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



busca de autoafirmação, reconhecimento e pertencimento para valorizar a verdadeira essência do ser humano. Portanto, ingressam na precariedade do mercado de trabalho, no tráfico ou na criminalidade. Não se busca estabelecer uma visão generalista das condições sociais, ou não se tenta elucidar a realidade vivenciada por esses jovens.

A compreensão da violência como fenômeno social constitui-se em amplo e heterogêneo terreno que, de um lado enuncia uma forma de circulação, inclusive internacional, das ideias, como as concepções morais, os sentimentos de medo e insegurança, que lhe são associados; e, por outro, imbrica diversas ideias sobre seus repertórios nacionais e locais, em sua construção histórica, nas características dos debates e nas suas implicações reais.

A focalização e o imediatismo na busca de soluções para a violência urbana têm acarretado, na sociedade contemporânea brasileira, um enquadramento perverso, principalmente na criminalização das populações residentes nos ditos “territórios de pobreza”. Sobre essa noção, Machado da Silva destaca dois elementos. Primeiro, uma imagem negativada desses territórios como espaço do narcotráfico que, supostamente, desencadeou uma expansão da violência urbana e, ao mesmo tempo, afetou a concepção coletiva do lugar na organização social. O segundo aspecto diz respeito às formas de intervenção do Estado nesses territórios, afetados pela intensa e constante ação policial, que se materializa também pelo uso da força, repressão, intimidação e violência física.

Em sua análise crítica, Machado da Silva problematiza as relações estabelecidas com os residentes desses territórios. Estes são postos como o outro da cidade, visto como estranho, desconhecido e potencialmente “*perigoso e ameaçador*”. Sobre estes recaem sentimentos de desconfiança, medo e insegurança, a balizar as tendências de isolamento e evitação social, principalmente, diante de pessoas e lugares fabricados como responsáveis pela violência urbana, pelo perigo e pela insegurança modulares em nossas dinâmicas relacionais. De fato, esse “outro” está, simbólica e concretamente, territorializado nas margens das cidades brasileiras onde residem as populações em situação de pobreza.

Daí a importância da pesquisa em tela acerca dos modos de vida elaborados e (re) significados pelas juventudes das margens de Fortaleza na contemporaneidade. Assim, a compreensão deste processo e das dinâmicas que envolvem as juventudes em seus contextos de experiências tornam-se fundantes para a construção de novas estratégias, na forma de políticas públicas e/ou projetos sociais capazes de enfrentar as situações de vulnerabilidades juvenis.



3 JUVENTUDES, TERRITÓRIOS E RELAÇÕES: Parque Santa Filomena

Apresentamos neste ponto um entrelaçamento de perspectivas dos jovens residentes das margens urbanas sobre seus territórios, como também expressões da violência e pobreza. Nossos interlocutores, situados na cidade de Fortaleza, especificamente no Bairro Jangurussu e que se insere o Parque Santa Filomena, nosso campo de pesquisa.

O Jangurussu é o sexto bairro com maior número de jovens, 13.326. Além disso, uma rápida análise nos indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) denuncia que possui a menor renda média por habitante. Além disso, Jangurussu configura o bairro com um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), 0,172, acirrando o contexto de extrema pobreza neste território. O Jangurussu concentra a maior intensidade de pessoas em situação de extrema pobreza, aparecendo em segundo lugar no ranking com os 119 bairros municipais.

Os interlocutores dessa pesquisa se declaram enquanto cor/raça negros ou pardos. Sobre a renda familiar, informaram ter de 1 até 3 salários mínimos. Tais dados se comunicam com os números do IBGE (2010) que apontam que há maior concentração de negros nas famílias de mais baixa renda, enquanto há uma maior proporção de brancos com um nível de renda familiar mais alta.

Ambos os entrevistados são moradores do Jangurussu, mas preferem demarcar que são mesmo da comunidade Santa Filomena, como enunciado na fala de José: “Parque Santo Filomena, na verdade no grande Jangurussu”. Ou ainda na fala de Tomé: “Na verdade aqui tudo é Jangurussu [...] Mas, o bairro é Filomena”.

As falas acima podem ser consideradas emblemáticas, pois demarcam uma relação de território bem específica, uma negação ao considerado bairro Jangurussu, presente para eles, possivelmente, muito mais nas estatísticas oficiais da cidade de Fortaleza. A comunidade Santa Filomena, uma realidade social compartilhada pelos sujeitos da pesquisa que buscam nas suas falas demarca-la como o lugar de moradia que, nesse sentido, representa uma negação a homogeneização do que se considera Jangurussu e o acesso a políticas públicas. Acreditamos que os jovens entrevistados, negam essa homogeneização por considerar que o próprio cotidiano em que vivem é diferente do chamado Jangurussu.

Desse modo, podemos corroborar tais constatações nos discursos dos próprios jovens quando perguntados sobre como eles percebem o lugar onde moram. Mariana, por exemplo,

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



vê que: “não desenvolve (Santa Filomena) em nada, em nada, nada, nada. O que tem muito aqui é mais é violência, só violência. Não tem uma praça do lazer, não tem é nada [...]”.

Ainda para corroborar essas considerações sobre o local onde esses jovens moram, e dessa distinção da comunidade Santa Filomena presente em suas falas face ao exposto, verificamos, ainda, segundo seus discursos um cotidiano marcado pela a falta de políticas públicas e pelo acirramento da violência. Mariana exemplifica na sua fala, uma dinâmica geralmente associada às periferias. “Porque o povo do Estado eles não querem saber de ninguém da periferia não, eles só querem saber mais da classe alta, da classe média.”

Tal processo está intimamente relacionado ao desenvolvimento histórico do país, e como os indivíduos, em sua hierarquia social, se dispuseram no espaço social. Estamos tratando neste trabalho dos jovens que vivenciam a periferia, porém entendemos, e não podemos fugir da análise, que o processo de negação que recai sobre estes jovens, é apenas uma ponta, de um processo maior que envolve criminalidade, violência urbana, pobreza, entre outras desigualdades sociais que são expressões da questão social.

Madalena, jovem moradora da comunidade Santa Filomena, descreve a comunidade como “violenta” e como símbolo que dá pulsação ao cotidiano desse local. “É muita violência de todo tipo. [...] De todo tipo. Morte, verbal, de todo tipo aqui tem violência. Tem muita família se acabando pelo motivo das drogas e do poder”. Nas falas dos interlocutores, fica evidente a imagem construída acerca da comunidade Santa Filomena como um local onde impera a violência.

Em sua análise, Machado da Silva (2010; 2011) problematiza as relações estabelecidas com os residentes desses territórios colocados como o outro da cidade, visto como estranho, desconhecido e potencialmente “perigoso e ameaçador”. Sobre estes recaem sentimentos de desconfiança, medo e insegurança, a balizar as tendências de isolamento e cerceamento social, sobretudo, diante de pessoas e lugares fabricados como responsáveis pela violência urbana, pelo perigo e pela insegurança modulares em nossas dinâmicas relacionais.

É sabido que não apenas no Brasil, mas também em todas as sociedades sempre houve grupos sociais marginalizados, porém, no Brasil, a situação parece tomar aspectos mais repressivos em relação a esta população. Evidencia-se que o pobre parece ter sido inserido em um processo permanente de marginalização e criminalidade. Permanente no sentido de que são os indivíduos pobres apontados como algozes, os criminosos, os sujeitos a serem controlados e monitorados. Tão bem controlados que se tomarmos as estatísticas veremos quem são os indivíduos que se tornam “clientes” (WACQUANT, 2003) das políticas punitivas do Estado. Apesar de o crime ser algo real e haver uma relação de poder muito forte

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



como determinante da criminalidade na periferia, como aponta José, este determinante, por si só, não traduz a vida na periferia.

É necessário perceber que a periferia também é composta de trabalhadores e trabalhadoras que buscam empregos e criam formas de sociabilidades e solidariedades multifacetadas. Nesta seara, os jovens também vivenciam o território onde moram e elaboram essas situações de formas diversas e não só pela via do crime, ou seja, suas experiências em situação de pobreza e de residentes em territórios estigmatizados inscritos nas margens urbanas são diversas. Percebemos como afirma Coelho (2005), que certos indivíduos possuem na sociedade certos “papeis sociais”.

José reafirma esses papeis sociais apresentados por Coelho (2005), dizendo que: “Se é preto, se você é favelado, se tá na periferia, você é criminoso. Então o Estado ele já vem para reprimir o criminoso. Ele não vem para dá segurança a um negro. Ele vem pra reprimir. Ele vem pra te acusar [...]”

Dessa forma, os pobres são forjados em papeis sociais que incitam a criminalidade, e os discursos produzidos tendem a homogeneizar esta classe a partir das representações constituídas pelos detentores dos meios de poder para produzir discursos e verdades. “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que ela induz e que a reproduzem”. (FOUCAULT, 2015; p.54). Este poder, que produz as verdades, produz, também, os enunciados que adentram a vida cotidiana e se faz repercutir sobre os indivíduos que terão sua representação social “inflamada” (positiva ou negativamente).

Possuindo como pano de fundo esta realidade, referenciando os jovens da periferia presente nessa pesquisa, estes se tornam alvo da “vontade punitiva”, onde esta, o circunda não apenas quando este se insere na criminalidade, mas desde a sua condição socioeconômica, cultural e social. Segundo enuncia Bezerra (2015), a associação perversa entre “camadas pobres e classes perigosas” (ZALUAR, 2000), reforçada com a estigmatização das periferias das cidades, parece ganhar força no imaginário brasileiro contemporâneo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As juventudes, aqui problematizadas têm particularidades sociais, culturais e econômicas que dialogam como estes jovens que vivenciam a periferia, no caso a comunidade Santa Filomena. Nesse sentido, a violência a que esses jovens estão expostos e se expõe

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



revela como respostas possíveis o silêncio e a obediência. Em se tratando da violência engendrada nessa realidade falar ou desobedecer pode custar à vida.

Pensar as juventudes é problematizar os espaços ou contextos que essas juventudes são tematizadas e refletidas. Na contemporaneidade, estamos tratando com múltiplos aspectos, tendo como base compreender o contexto desses jovens a partir da forma que estão ou não inseridos no mundo do trabalho, suas formas de pertencimento e reconhecimento aos grupos sociais, às concepções de gênero, etnia, família, religiosidade, territorialidade, como a elaboração de projetos de futuro, as relações de inclusão/exclusão, a mobilidade social, diversos aspectos que compõem, (re) constroem e ressignificam as experiências dos (as) jovens. Ressaltamos que compreender as juventudes na contemporaneidade, é, pois, apreender o próprio mundo social e suas relações (AMARAL, 2011).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

AMARAL, Márcio de Freitas. **Culturas Juvenis e Experiência Social: modos de ser jovem na periferia**. Dissertação (Mestrado em Educação) 137f – Programa de Pós- Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BEZERRA, L. M. P. de S. **Pobreza e lugar(es) nas margens urbanas: lutas de classificação em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim**, 2015. 450 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza-Ce.

Censo demográfico 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. IBGE, 2010. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível

COELHO, Edmundo Campos. **A oficina do diabo: e outros estudos sobre criminalidade**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Microfísica do poder: organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. *Análise Social*: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal, v. , n. 105, p.139-165, fev. 1990.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. “Violência urbana”, segurança pública e favelas – o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CDH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, mai/ago, 2010.

WACQUANT, Loic . **Punir os pobres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2014**: Jovens no Brasil. Brasília, Ministério da Justiça, Instituto Sangari. 2014.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.